

ROGER BASTIDE (1898-1974).

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo.

Roger Bastide chegou ao Brasil em 1938, para ensinar Sociologia no Departamento de Ciências Sociais. Encontrava em São Paulo um ambiente intelectual cujas raízes estavam na grande fermentação dos anos 20. A Semana de Arte Moderna; as campanhas pelo voto secreto, pela extensão do voto às mulheres; as reformas do ensino primário e médio; a efervescência reinante entre os jovens oficiais, mostravam que nessa década uma mutação estava em curso, cujos frutos sazouaram nas duas décadas seguintes.

A cidade de São Paulo já se desenvolvia rapidamente, caminhando para o milhão e meio de habitantes. Após a grande crise de 1929, a economia se reestruturava modificando as bases; a rubiácea continuava sendo um elemento de peso, porém a industrialização já iniciava sua carreira e os serviços iam em plena expansão. Foi neste ambiente que os jovens modernistas de 1920, entrando na idade madura, se entregaram a múltiplas iniciativas. Assim, 1930, 1940, constituem para o setor cultural o período de sedimentação após a grande efervescência anterior, com aprofundamento de tendências, refôço de correntes criadoras, ampliação de realizações, — tudo num clima de atividade e de euforia.

Roger Bastide encontrou aqui, então, possibilidades de ação intelectual que ultrapassavam os círculos propriamente universitários; passou a circular nas rodas existentes, em que brilhavam o poeta Mário de Andrade, o crítico de arte Sérgio Milliet, o escritor Oswald de Andrade, o pintor excêntrico Flávio de Carvalho e tantos outros. Na Universidade, além de seus colegas da Missão Francesa, que haviam chegado antes dele (notadamente Paul Arbousse-Bastide, para política; Pierre Monbeig, para geografia; Alfred Bonzon para literatura francesa), travou conhecimento com professores da envergadura

de Fernando de Azevedo, por exemplo, que não apenas fora um dos fundadores da Universidade de São Paulo, mas que nos anos 20 se entregara com ardor à realização das reformas de ensino.

Não se tratava, porem, de dois círculos a que ele passasse a pertencer, dois círculos separados e diversos; ambos se interpenetravam formando um conjunto só. Durante seus primeiros anos de vida, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras havia se tornado um centro de vida intelectual em que professores, estudiosos de variada proveniência, intelectuais diversos, estudantes, se encontravam, participando das mesmas atividades, procurando publicar revistas de vanguarda, tentando fundar instituições culturais, discutindo juntos os mesmos problemas. Bem recebido por todos, Roger Bastide encontrava livre entrada em todos os grupinhos e fazia amigos por toda a parte.

Apaixonado por literatura e por artes plásticas, voltou-se desde logo para o estudo de poetas, de escritores, de pintores, de arquitetos do passado e do presente no país, passando a publicar nos jornais artigos e crônicas que continham suas reflexões. “O Estado de São Paulo”, “Diário de São Paulo”, “Folha da Manhã”, acolheram muitas de suas contribuições, em que ao mesmo tempo se mostrava crítico de arte e de literatura, sociólogo, antropólogo, psicólogo social, abrindo novas perspectivas nos setores da arte. Os jornais da época abrigam ainda muitos desses artigos que ali dormem à espera que pesquisadores curiosos vão arranca-los do olvido.

Mas logo definia-se o problema que o apaixonaria pela vida afora, e que no Brasil apresentava uma riqueza de aspectos grandemente prometedora de descobertas: a interpenetração de civilizações, que procurou captar a princípio através do estudo das religiões afro-brasileiras; em seguida, por meio de uma análise psico-social dos indivíduos de cor; e, finalmente, tentando uma comparação entre os elementos já transformados pelo transplante numa outra sociedade, e os elementos que haviam evoluído em sua terra de origem, — isto é, uma comparação da cultura e religião afro-brasileira com culturas e religiões africanas, no presente.

O pesquisador ficou, pois, fascinado por uma civilização viva, contraditória, em movimento incessante, cheia de surpresas, que não deixaria mais de analisar pela vida afora. O professor encontrava diante de si um público formado por jovens estudantes, mas também pela *intelligentzia* do país, atraídos pelas perspectivas inesperadas que ele vinha abrir. Esta *intelligentzia* mostrara, nos anos 20, um pendor irresistível para a contestação do que existia, para uma renovação geral das mentalidades e da cultura intelectual. A busca apaixonada e

apaixonante de Roger Bastide, procurando compreender uma sociedade estranha, não podia deixar de atraí-los, de influencia-los.

Mas, como não podia deixar de ser, foi principalmente sobre os estudantes que a ação de Roger Bastide produziu os melhores frutos. Tempo feliz em que o Mestre, encontrando entre seus estudantes interesses diversos com relação aos aspectos do real, multiplicava ano após ano os seus cursos, a fim de trazer a cada um o quadro teórico, a impostação metodológica de que necessitava: Sociologia Primitiva, Arte e Sociedade, Sociologia e Interrelações Étnicas, Sociologia do Folclore Brasileiro, Sociologia do Misticismo, correspondiam não apenas à curiosidade múltipla do professor, mas também e principalmente à orientação tomada pelos trabalhos de cada um de seus alunos, que não ultrapassavam a dezena.

Roger Bastide deixou o Brasil antes que a enorme procura do Departamento de Ciências Sociais por estudantes viesse modificar esta realidade, desenvolvendo de maneira inevitável a massificação. Não conheceu, portanto, relações impessoais e indiferentes entre professores e alunos, que limitam tanto a influência que o primeiro pode exercer sobre os segundos, e que tanto facilitam a orientação destes. Os que foram seus discípulos revelam na maneira de encarar os problemas, no respeito pelo dado concreto, nas exigências críticas, na impossibilidade de permanecerem confinados ao interior de uma disciplina estritamente delimitada, a marca do Mestre.

Nos dezesseis anos que passou entre nós, sua integração ao mundo brasileiro pode-se dizer que foi total, não apenas entre os intelectuais e no ambiente universitário, mas também entre os populares, o que era revelado pelas relações tão cordiais e tão fáceis com os informadores, malgrado a diferença de língua, — pois, não sendo bem dotado para o aprendizado de línguas, conseguiu formar uma espécie de sub-dialeto franco-provençal-latim-brasileiro, que utilizava nas pesquisas. Onde quer que penetrasse — nos *candomblés*, nos clubes de negros, ou então no meio caboclo, entre cantadores de cururú do interior paulista e outros grupos folclóricos, — despertava simpatia e amizades.

Um pequeno fato demonstra a impressão indelevel que muitas vezes causava. Anos depois da partida de Roger Bastide para a Europa, Antônio Cândido, que o acompanhara nalgumas pesquisas de folclore, retornou a um dos locais a fim de observar e registrar realizações de cururú, espécie de desafio entre dois cantadores. E ali ouviu um dos cantadores improvisar:

E se encontrar Roger Bastide,
Faz-lhe a minha saudação;
Tenho visto gente boa,
Tenho visto gente fina,
Como aquele hominho, não!

Roger Bastide, que se retirara para a França em 1954, passou a lecionar na Sorbonne, na *École Pratique des Hautes Études de l'Amérique Latine*. Seu interesse pelo Brasil persistiu, o que se pode verificar em seus cursos, que encerravam múltiplos exemplos brasileiros; em suas obras; no carinho com que recebia brasileiros que a ele recorriam, ou que simplesmente iam visita-lo; na persistência em se manter a par de tudo quanto aqui se fazia em literatura, em arte, em ciências sociais; nas resenhas que publicava em revistas especializadas, e em que divulgava o que lhe parecia merecer a atenção de estrangeiros. Duas vezes veio em visita ao Brasil, como professor-visitante da Universidade de São Paulo: em 1962 e em 1973. Depois do atordoamento dos primeiros instantes causado pelo borborinho gigante e pelas transformações alucinantes de São Paulo, reencontrava em seguida, entre amigos, antigos alunos, antigos informantes, o mesmo calor de que se recordava em Paris com tanta saudade. E parecia-lhe então que não havia saído daqui.

Roger Bastide faleceu em abril deste ano (1974). Quando em janeiro o encontrei já paralisado pela moléstia, fazia projetos: não podia morrer ainda, tinha de escrever dois livros, tinha de fazer uma grande pesquisa na Amazônia.....

* *
*

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ, nasceu nesta Capital onde reside. Dos muitos cursos feitos no país e no estrangeiro destacar-se-á: Licenciatura em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e *École Pratique des Hautes Études (VIe Section) Université de Paris*, onde conquistou diploma com a tese: "*La Guerre Sainte au Brésil: Le mouvement Messianique du Contestado*" — Mais ainda. Uma consagração internacional que se pode sentir nos cargos que vem ocupando também no estrangeiro: Directeur d'Études Associé — *École Pratique des Hautes Études* — (6e Section), Université de Paris; Professeur Chargé de Cours — Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (Université de Paris) — Professeur Visitant, Faculté des Sciences de l'Université Laval, Québec.

Maria Isaura tem um dos mais belos currículos da Universidade de São Paulo, que vem projetando, seja integrando associações científicas de nomeada, seja atuando em congressos dentro e fora do país. Que lhe tem reconhecido o valor, outorgando-lhe prêmios, desde os idos de 1957. Ocasão em que com a monografia: "*Sociologia e Folclore: A Dança de São Gonçalo num Povoado Baiano*", conquistou o prêmio Mário de Andrade de Monografias sobre Folclore, em concurso instituído pelo Departamento de Cultura do Município de São Paulo. Recentemente, arrebatou o *Prêmio Jaboti*, outorgado pela Câmara Brasileira do Livro à melhor obra brasileira de Ciências Sociais, com: *O Messianismo no Brasil e no Mundo*.

Registre-se que, dentre os muitos ensaios, traduções, obras em colaboração, que vem identificando Maria Isaura como autêntica cientista social, este merece um destaque. Foi, de início, a tese apresentada ao concurso de livre-docência de Sociologia, realizado ainda na "Maria Antônia", entre 5 e 9 de agosto de 1963. E desde então, Maria Isaura Pereira de Queiroz é uma das colunas mestras do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. (*Nota de Maria Regina*).